

**RELAÇÕES  
ENTRE  
CONTRASTE  
E NEGAÇÃO  
EM LÍNGUAS NATIVAS  
BRASILEIRAS:  
UMA ABORDAGEM  
DISCURSIVO-FUNCIONAL<sup>1</sup>**

**RELACIONES ENTRE CONTRASTE Y NEGACIÓN EN LAS LENGUAS NATIVAS  
BRASILEÑAS: UN ENFOQUE DISCURSIVO-FUNCIONAL**

**RELATIONS BETWEEN CONTRAST AND NEGATION IN BRAZILIAN NATIVE LANGUAGES: A  
DISCURSIVE-FUNCTIONAL APPROACH**

**Gabriel Henrique Galvão Passetti\***

**Gustavo da Silva Andrade\*\***

Universidade Estadual Paulista

**RESUMO:** A Negação é uma forma de conceber a organização do mundo de forma contrária ao que se espera na realidade. Nas línguas naturais, a Negação é um complexo fenomenológico ímpar, uma vez que a realidade extralinguística pode ser negada em sua totalidade ou, apenas, parcialmente. Nas línguas nativas brasileiras, essa forma de conceber o mundo parece ser mais ressaltada: cognitivamente, a forma como alguns povos concebem o mundo é distinta daquela por meio da qual o concebemos. Neste trabalho, em busca de uma generalidade de um grupo de línguas nativas, cotejamos duas categorias gramaticais, quais sejam: a expressão da negação e a codificação da função contraste. Trata-se de um trabalho ainda incipiente, à luz da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), que atesta possíveis relações entre esses elementos. À guisa de conclusão, identificamos uma relação lógico-semântica entre essas categorias que, em certa medida, parece ser encontrada em línguas nativas brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negação. Contraste. Línguas nativas brasileiras.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

\* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Unesp, Ibilce, São José do Rio Preto. E-mail: [gabriel.galvao@unesp.br](mailto:gabriel.galvao@unesp.br).

\*\* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Unesp, Ibilce, São José do Rio Preto. E-mail: [gustavo.s.andrade@unesp.br](mailto:gustavo.s.andrade@unesp.br).

RESUMEN: La negación es una forma de concebir la organización del mundo de una manera contraria a lo que se espera en la realidad. En los lenguajes naturales, la negación es un complejo fenomenológico único, ya que la realidad extralingüística se puede negar en su totalidad o solo parcialmente. En las lenguas nativas brasileñas, esta forma de concebir el mundo parece estar más enfatizada: cognitivamente, la forma en que algunos pueblos conciben el mundo es diferente de la forma en que lo concebimos. En este trabajo, en busca de una generalidad de un grupo de lenguas nativas, comparamos dos categorías gramaticales, a saber: la expresión de negación y la codificación de la función de contraste. Sigue siendo un trabajo incipiente, a la luz de la Gramática Funcional Discursiva (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), que da fe de posibles relaciones entre estos elementos. En conclusión, hemos identificado una relación lógico-semántica entre estas categorías que, hasta cierto punto, parece encontrarse en los idiomas nativos brasileños.

PALABRAS CLAVE: Negación. Contraste. Lenguajes nativos brasileños.

ABSTRACT: Negation is a way of conceiving the organization of the world in a way contrary to what is expected in reality. In natural languages, Negation is a unique phenomenological complex since extralinguistic reality can be negated in its totality or only partially. In Brazilian native languages, this way of conceiving the world seems to be more emphasized: cognitively, the way in which some peoples conceive the world is different from that through which we conceive it. In this work, we compare two grammatical categories in search of a generality of a group of native languages: the expression of negation and the codification of the contrast function. It is still an incipient work, in the light of the Discursive-Functional Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), which attests to possible relations between these elements. Anyhow, in a partial conclusion, we identified a logical-semantic relationship between these categories that, to some extent, can be found in Brazilian native languages.

KEYWORDS: Negation. Contrast. Brazilian native languages.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

A língua é um complexo fenomenológico com funções variadas e aplicadas a diferentes contextos. Essas funções são empregadas pelos usuários de línguas naturais para *comboiar* o que se quer dizer (BENVENISTE, 2005), i.e., as formas e as estruturas codificadas morfossintática e fonologicamente refletem intenções e motivações pragmático-discursivas e semânticas.

O presente trabalho discute uma proposta de análise (aqui, proposta, pois não apresenta uma resolução definitiva para análise e descrição de um fenômeno linguístico, mas alvitra um possível caminho de análise e descrição desse fenômeno ao relacionar sua manifestação em diferentes línguas, descrita sistematicamente sob os mesmos critérios analíticos e com as mesmas categorias teóricas) da interação da negação, e de seus escopos, com a função pragmática Contraste (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 96-99),<sup>3</sup> à luz da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), por meio de amostragem de dados retirados de cópulas de várias línguas nativas brasileiras.

Orientamos nosso trabalho sob uma perspectiva tipologicamente adequada. Tanto a GDF como a Tipologia são, hoje, correntes teóricas em diálogo e interação, uma vez que analisar diversas e diferentes línguas (compreendendo, para tanto, as várias famílias e os vários troncos existentes) contribui para um dos objetivos centrais da GDF, que é conceber um Modelo de Usuário de Língua Natural tipologicamente válido.

Nesse sentido, analisar de que forma a negação interage com a função pragmática Contraste em diferentes línguas vai ao encontro de uma análise tipológica, pois permite apontar caminhos de descrição dessa interação. Isso porque o contraste é um cotejo de informações, por assumir uma informação em comparação com outra; ao passo que a negação atua, logicamente, negando parte de um enunciado ou ele todo.

<sup>2</sup> Os dados de línguas nativas aqui utilizados são frutos de trabalho coletivo dos alunos da disciplina *Tipologia linguística sob abordagem funcional*, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Unesp/IBILCE.

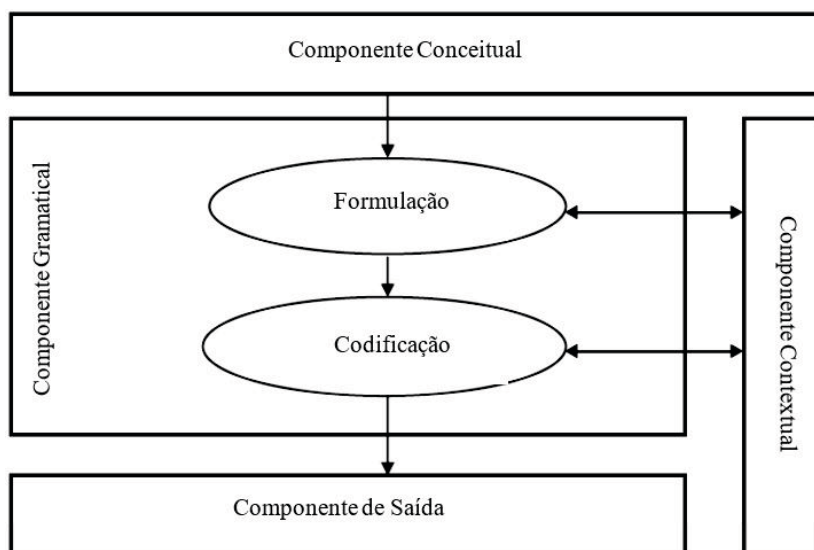
<sup>3</sup> Ao nos referirmos a categorias específicas da GDF, utilizamos palavras com a primeira letra maiúscula.

Objetivamos atestar a relação entre o contraste e a negação levando em consideração a *relação/confronto* entre duas partes de um enunciado ou apenas uma parte com uma informação pressuposta. Essas partes do discurso são negadas e/ou contrastadas, o que nos permite delinear uma interação entre a negação e o contraste.

Expostos nossos objetivos, este trabalho se organiza da seguinte forma: primeiramente, apresentamos, brevemente, os pressupostos teóricos da GDF, trazendo à baila as noções de contraste e de negação, a fim de elucidarmos como a teoria entende esses fenômenos. Em seguida, são expostos os métodos de análise utilizados neste trabalho. Os resultados obtidos estão compilados na seção seguinte. Por fim, seguem nossas considerações finais e as referências utilizadas.

## 2 GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

O modelo teórico da GDF, proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008), constitui um desenvolvimento da Gramática Funcional postulada por Dik (1989, 1997). Nesse desenvolvimento, a GDF incorporou, em seu modelo teórico, a natureza situada da comunicação linguística, i.e., ela apresenta, em sua própria postulação teórica, a inter-relação entre linguagem e contexto. Essa inter-relação é expressa pelos Componentes Conceitual, Contextual e de Saída, que dão compatibilidade à GDF com uma teoria mais ampla de interação verbal: apesar de a GDF ser, estritamente, um modelo de gramática, ela, ao considerar a interação do Componente Gramatical com os demais, adquire um formato teórico ao mesmo tempo estrutural e funcional.



**Figura 1:** A GDF como parte de uma teoria ampla de interação verbal

**Fonte:** Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 6)

O Componente Conceitual é pré-linguístico, responsável pelo

[...] desenvolvimento tanto da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto das conceitualizações associadas relativas a eventos extralinguísticos relevantes, sendo, dessa forma, a força motriz por trás do componente gramatical como um todo. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 44)

O Componente de Saída, por sua vez, é o responsável por gerar as expressões linguísticas, acústicas, escritas ou de sinais, com base na informação fornecida pelo Componente Gramatical. Sua função pode ser entendida, pois, como “[...] a tradução da informação digital (isto é, categorial, baseada em oposição) na gramática para uma forma analógica (isto é, continuamente variável)” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 45). O Componente Contextual, por seu turno, contém dois tipos de informação.

Em primeiro lugar, abriga as informações imediatas recebidas do Componente Gramatical sobre um enunciado particular que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes possam assumir. Em segundo lugar, ele contém informações de longo prazo

sobre a interação em andamento que são relevantes para as distinções necessárias na língua que está sendo usada e que influenciam a formulação e a codificação nessa língua. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 9-10, tradução nossa)<sup>4</sup>

Esse acervo de informações, de curto e de longo prazo, alimenta e é alimentado pelas operações de Formulação e de Codificação que compõem o Componente Gramatical, que, por sua vez, constitui a gramática de uma língua natural. A operação de Formulação converte a intenção comunicativa em representações pragmáticas, no Nível Interpessoal (NI), e semânticas, no Nível Representacional (NR), que, em seguida, são convertidas em representações morfossintáticas e fonológicas nos Níveis Morfossintático (NM) e Fonológico (NF), respectivamente, por meio das operações de Codificação.

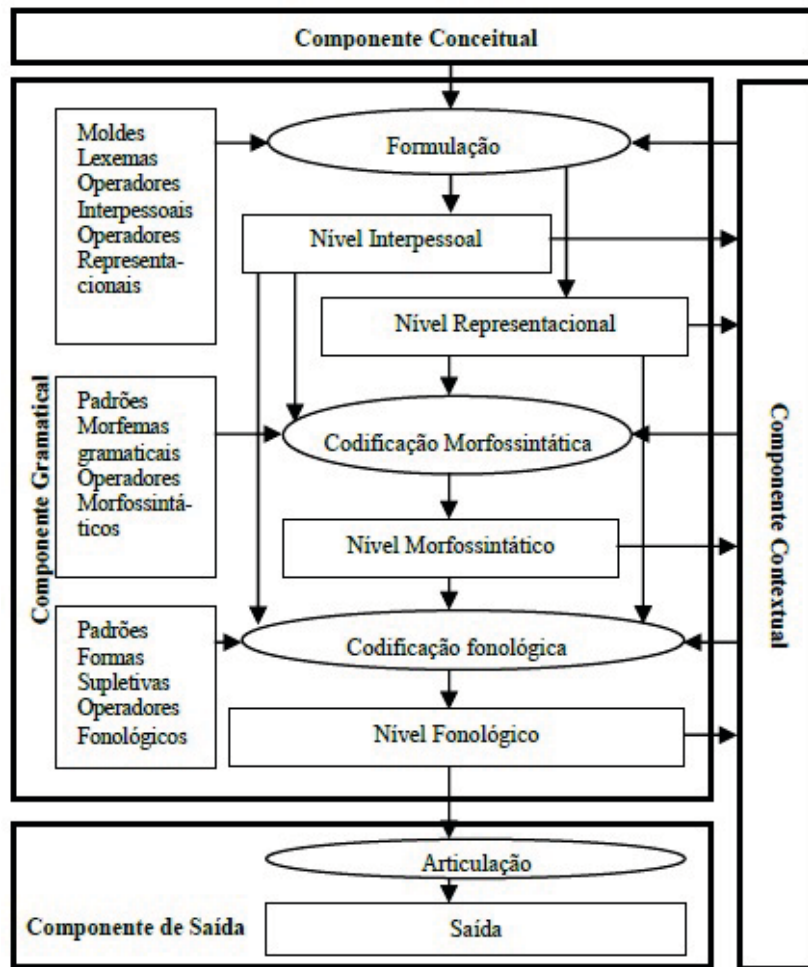


Figura 2: Layout geral da GDF

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

Como revela a Figura 2, o modelo da GDF é entendido como uma arquitetura modular, com organização descendente (*top-down*), i.e., da intenção comunicativa, conceptualizada no Componente Conceitual, para a forma das expressões linguísticas, formando o *input* da Articulação, que traduz essas expressões em sinais físicos. Essa forma de organização descendente é “[...] motivada pela suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico do indivíduo”<sup>5</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2, tradução nossa), alcançando, assim, adequação psicológica, e, outrossim, ao assumir o NI como hierarquicamente acima dos outros níveis, alcança adequação pragmática, como preconizado por Dik (1989) em seus princípios de adequação explanatória. Ademais, ao organizar o Componente Gramatical com a pragmática

<sup>4</sup> No original: “Firstly, it houses the immediate information received from the Grammatical Component concerning a particular utterance which is relevant to the form that subsequent utterances may take. Secondly, it contains longer-term information about the ongoing interaction that is relevant to the distinctions that are required in the language being used, and which influence formulation and encoding in that language”.

<sup>5</sup> No original: “[...] motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual”.

governando a semântica, ambas governando a morfosintaxe, e a pragmática, a semântica e a morfosintaxe governando a fonologia, como ilustrado na Figura 2, a GDF leva a abordagem funcional ao seu extremo lógico; isso porque a postura funcionalista implica a “[...] hipótese de que as categorias formais podem ser criteriosamente explicadas se consideradas em correspondência com as categorias semânticas e pragmáticas originadas na cognição humana e na comunicação inter-humana” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 48). Assim, a GDF correlaciona as funções às estruturas, ambas sedimentadas no repertório da língua ao longo dos tempos, como primitivos da Formulação e da Codificação, respectivamente.

Os níveis que compõem o Componente Gramatical são estruturados cada qual ao seu modo. O que têm em comum é que são todos dispostos em camadas. Cada camada é composta de um núcleo (h) que pode ser restringido por um modificador ( $\sigma$ ) e/ou um operador ( $\pi$ ) e ter, ainda, uma função ( $\varphi$ ). Os núcleos e os modificadores são lexicais, enquanto os operadores e as funções são gramaticais, sendo esta última de carácter relacional, i.e., estabelece relação entre unidades dispostas em uma mesma camada. Assim, (1) representa a organização geral das camadas dentro dos níveis, sendo  $v$  a variável da camada relevante.

$$(1)(\pi v_1: h(v_1): \sigma(v_1))_{\varphi}$$

Para este estudo, são relevantes a função pragmática Contraste ( $_{CONTR}$ ) e o operador de polaridade negativa (neg), que são abordados nas seções 2.1 e 2.2, respectivamente.

## 2.1 A FUNÇÃO PRAGMÁTICA CONTRASTE

O Contraste é uma das funções pragmáticas previstas pela GDF. As funções pragmáticas dizem respeito ao “[...] modo como os Falantes moldam suas mensagens em vista de suas expectativas acerca do estado mental do Ouvinte”<sup>6</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46, tradução nossa). Isso determina as partes de uma unidade linguística que se apresentam particularmente salientes. Essas funções do NI são aplicadas à camada do Conteúdo Comunicado (C), que, por sua vez, é um dos componentes de um Ato Discursivo (A), a menor unidade identificável de comportamento comunicativo. Um Conteúdo Comunicado contém o que o Falante deseja evocar na interação com o Ouvinte. Em termos de ação, ele corresponde às “[...] escolhas que o Falante faz para evocar uma imagem do mundo externo sobre a qual ele deseja falar”<sup>7</sup> (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 87, tradução nossa). Cada Conteúdo Comunicado é constituído por Subatos de Referência (R) e Subatos de Atribuição (T). Enquanto um Subato de Referência representa a tentativa do Falante de evocar, na interação verbal, um referente, um Subato de Atribuição constitui um modo de aplicar a uma entidade uma propriedade. Tanto o Conteúdo Comunicado como os Subatos que o compõem são passíveis de aplicação das funções pragmáticas.

A função pragmática Contraste, em específico, é responsável por cotejar uma informação com outra, presente no próprio contexto, no registro construído e armazenado no Componente Contextual ou na própria situação discursiva. Desse cotejo, o Falante procura realçar diferenças particulares entre informações. Para Dik (1989), que denomina foco contrastivo o que a GDF chama de função pragmática Contraste, o cotejo entre informações se dá de forma explícita ou pressuposta. No primeiro caso, há contraste paralelo, em que os elementos contrastados são atualizados no discurso. Onde o cotejo se dá de forma implícita, ocorre, por sua vez, uma pressuposição por parte do Falante em relação à informação pragmática do Ouvinte, sendo denominado, portanto, de contrapressuposicional.

## 2.2 O OPERADOR DE POLARIDADE NEGATIVA

O operador de polaridade negativa, por seu turno, é aplicado à camada do Estado de Coisas (e), que se caracteriza pelo fato de ser localizado no tempo e no espaço, além de poder ser avaliado em termos de seu estatuto de realidade fenomênica. Ou seja, Estados de Coisas são eventos ou estados que ocorrem ou não ocorrem, que acontecem ou não acontecem, em determinado intervalo de

<sup>6</sup> No original: “[...] *how speakers mould their messages in view of their expectations of the Addressee's current state of mind*”.

<sup>7</sup> No original: “[...] *choices the Speaker makes in order to evoke a picture of the external world s/he wants to talk about*”.

tempo e em um determinado lugar. Desse modo, o operador de polaridade negativa em um Estado de Coisas indica sua irrealidade fenomênica, i.e., mostra sua não realização ou não ocorrência.

### 3 MÉTODOS

O presente trabalho coteja um conjunto de métodos de análise que o vinculam, mesmo que de forma incipiente, aos trabalhos de descrição tipológica. Para controlarmos a amostra, realizamos um procedimento de seleção considerando três elementos: (i) gramáticas disponibilizadas de forma *online*; (ii) que possibilitassem a busca de grafemas no arquivo; e (iii) que tivessem, em seu sumário, um item destinado à negação.

Considerando esse controle e dada a rica diversidade linguística do Brasil, optamos por restringir a amostra, uma vez que não é possível fazer uma amostra tipologicamente representativa porque grande parte dessas línguas ainda não foi descrita e/ou não apresenta uma descrição detalhada de elementos gramaticais.

Para este trabalho, selecionamos onze línguas nativas que cumpriram, satisfatoriamente, os critérios propostos e que são de famílias linguísticas distintas, conforme o Quadro 1.

Língua	Família
Araweté	Tupi-guarani
Dâw	Maku
Huariapano	Pano
Jarawara	Arawá
Kanoê	Tupari
Karitiana	Tupí
Kotiria	Tucano
Kwazá	Isolada
Mamaindê	Nambiquara
Tariana	Arawak
Trumái	Trumái

**Quadro 1:** Línguas nativas brasileiras selecionadas para o levantamento de dados.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2021)

Adotamos a forma de referenciar as línguas de acordo com as gramáticas utilizadas. Para a reanálise das glosas, utilizamos a classificação da negação proposta pela GDF, analisando sob qual camada e qual nível a negação atua.

#### 4 RELAÇÕES ENTRE CONTRASTE E NEGAÇÃO

Ducrot (1987) descreve a negação como sendo um fenômeno polifônico, em que concorrem dois enunciadores: o primeiro afirma uma proposição  $p$ , ao passo que o outro nega essa proposição  $\sim p$ . Desse modo, qualquer enunciado negado traz consigo seu oposto positivo com que estabelece uma relação de oposição ou, em outros termos, de contraste. Há casos, entretanto, em que o Falante deseja salientar essa relação opositiva com a finalidade de transformar o estado mental do Ouvinte. Para tanto, ele dispõe de expedientes gramaticais que codificam a função pragmática Contraste, que, alinhada à negação, substitui uma informação por outra, a qual o Falante assume como oposta. Esse processo ocorre de diferentes maneiras, como será detalhado nas subseções que se seguem.

##### 4.1 $P \wedge (\sim P)$

A relação entre contraste e negação  $p \wedge (\sim p)$  (Tipo 1) se manifesta quando o Conteúdo Comunicado – ou um de seus Subatos – de um Ato Discursivo é contrastado com uma informação presente no registro construído e armazenado no Componente Contextual ou na própria situação discursiva (contraste contrapressuposicional) de modo que a relação contrastiva busca operar uma substituição na informação pragmática disponível ao Ouvinte.

A função pragmática Contraste Substitutivo ( $CONTRSUBST$ ) constitui, pois, a estratégia do Falante de substituir uma informação do Ouvinte, considerada equivocada, por outra, que considera correta. Assim, na relação de Tipo 1, a informação atualizada no discurso, considerada correta pelo Falante, é posta em relação de oposição à informação que o Falante acredita fazer parte da informação pragmática disponível ao Ouvinte, negando-a.

Construções tradicionalmente denominadas clivadas em português, como aquelas formadas pelo verbo *ser-que*, segundo Pezatti (2017), servem a essa estratégia. Em (2a), por exemplo, cuja representação do NI é (2b), os Subatos Referenciais *o cara* e *a classe dominante* evocam entidades opostas ao proprietário do prédio e à classe oprimida, respectivamente, então negados e não expressos, mas pressupostos no Componente Contextual, substituindo-os na informação pragmática disponível ao Ouvinte.

- (2) a - e à cultura, o cara não tem direito a nada, meu, só vive que nem um animal.  
 - e nem de acesso ao material que ele produz.  
 - e é o cara, e é *o cara* **que** produz esse prédio aqui, em que a gente está morando e tudo mais. e então é *a classe dominante* **que** usufrui de, da cultura, pô  
 (Bra87:EconomiaSociedade:44)<sup>8</sup>

- b (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: [... (R<sub>i</sub>: -o cara- (R<sub>i</sub>)) $CONTRSUBST$ ] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
 (A<sub>j</sub>: [... (C<sub>j</sub>: [... (R<sub>j</sub>: -a classe dominante- (R<sub>j</sub>)) $CONTRSUBST$ ] (C<sub>j</sub>))] (A<sub>j</sub>))

O mesmo ocorre em (3), uma ocorrência da língua *dâw*, em que *j<sup>2</sup>aĩm* é um Subato Referencial que veicula a função pragmática Contraste Substitutivo, marcada por *a?*.

- (3) Dâw (ANDRADE MARTINS, 2004, p. 456).  
 a nẽd tih j<sup>2</sup>aĩm-a?  
 vir 3.SG cachorro- $CONTRSUBST$   
 'É o cachorro dele que já veio'  
 Literal: vir dele é o cachorro que

- b NI: (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: [... (R<sub>i</sub>: -j<sup>2</sup>aĩm- (R<sub>i</sub>)) $CONTRSUBST$ ] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))

<sup>8</sup> Ocorrência retirada do *Cópus Lusófono* (NASCIMENTO, 2001), que reúne dados do português falado do século XX e XXI, de todas as variedades do português (Portugal, Brasil, Macau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Goa).





- b. NI: (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: [... (R<sub>i</sub>: puretʃaha (R<sub>i</sub>))<sub>CONTRSUBST</sub>] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
 NR: (p<sub>i</sub>: ... (neg e<sub>i</sub>: -he puretʃaha jɪtʃaha- (e<sub>i</sub>)) ... (p<sub>i</sub>))

Nos casos até aqui abordados, o contraste acontece no NI, enquanto que a negação é formulada no NR. Em (7), por outro lado, uma ocorrência da língua jarawara, apenas um morfema, *rihi*, é responsável por, ao mesmo tempo, estabelecer a relação de contraste e indicar que o Subato de Referência *o* evoca a informação incorreta que deve ser substituída. Assim, além de contrastar, *rihi* nega a informação sob seu escopo, de maneira que, neste estudo, dizemos que esse morfema codifica a função pragmática Contraste Substitutivo Negativo (CONTRSUBSTNEG).

(7) Jarawara (DIXON; VOGEL, 2004, p. 245).

- a. mii o-rihi, soo o-rihi,  
 cagar ISG.SBJ-CONTRSUBSTNEG mijar ISG.SBJ-CONTRSUBSTNEG  
 o-na-hara o-ke.  
 ISG-LIST-RECPST.PERC.F ISG.DECL.F  
 ‘eu não caguei nem mijei’  
 Literal: não foi eu que caguei, não foi eu que mijei

- b. NI: (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: [... (R<sub>i</sub>: o (R<sub>i</sub>))<sub>CONTRSUBSTNEG</sub>] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
 (A<sub>j</sub>: [... (C<sub>j</sub>: [... (R<sub>j</sub>: o (R<sub>j</sub>))<sub>CONTRSUBSTNEG</sub>] (C<sub>j</sub>))] (A<sub>j</sub>))  
 NR: (p<sub>i</sub>: ... (e<sub>i</sub>: -mii o- (e<sub>i</sub>)) ... (p<sub>i</sub>))  
 (p<sub>j</sub>: ... (e<sub>j</sub>: -soo o- (e<sub>j</sub>)) ... (p<sub>j</sub>))

#### 4.3 $P \wedge \sim P$

A relação entre contraste e negação  $p \wedge \sim p$  (Tipo 3) é semelhante à do Tipo 1. A diferença é que, nesses casos, o Conteúdo Comunicado – ou um de seus Subatos – de um Ato Discursivo é contrastado com uma informação presente no próprio discurso, não sendo, pois, um contraste contrapressuposicional, mas, sim, um caso de contraste paralelo. Em (8), por exemplo, uma ocorrência da língua areweté, *Kamarati* substitui *Ajajuru*. Para tanto, o Falante faz uso de *ku*, que codifica a função pragmática Contraste Substitutivo aplicada ao Subato que evoca a informação que deve ser considerada correta pelo Ouvinte, ao mesmo tempo em que *ja* nega o Estado de Coisas *Ajajuru u?u*, indicando, para o Ouvinte, a informação que ele deve considerar como incorreta.

(8) Araweté (SOLANO, 2009, p. 386).

- a. Kamarati ku iwahu u-?u u-?u ja Ajajuru.  
 Kamarati CONTRSUBST mel 3-comer 3-comer NEG Ajajuru  
 ‘foi a Kamarati que comeu o mel, não foi o Ajajuru’  
 Literal: é Kamarati que mel come, come não Ajajuru

- b. NI: (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: [... (R<sub>i</sub>: Kamarati (R<sub>i</sub>))<sub>CONTRSUBST</sub>] (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
 (A<sub>j</sub>: [... (C<sub>j</sub>: [... (R<sub>j</sub>: Ajajuru (R<sub>j</sub>)) (C<sub>j</sub>))] (A<sub>j</sub>))  
 NR: (p<sub>i</sub>: ... (e<sub>i</sub>: -Kamarati iwahu u?u- (e<sub>i</sub>)) ... (p<sub>i</sub>))  
 (p<sub>j</sub>: ... (neg e<sub>j</sub>: -Ajajuru u?u- (e<sub>j</sub>)) ... (p<sub>j</sub>))

Em (9), por sua vez, é o Conteúdo Comunicado *ʔāmùd kafām nāʔ* que veicula a função pragmática Contraste Substitutivo, marcada por *āʔ*, ao passo que *ēh* nega o Estado de Coisas *ʔāh kafām*.

(9) Dâw (ANDRADE MARTINS, 2004, p. 505).

a	ʔām-ùd	kaʔām	nāʔ-āʔ	ʔāh	kaʔām-ēh.
	2.SG-CONTRRESTR	morrer	FUT-CONTRSUBST	1SG	morrer-NEG

‘Daqui a pouco, quem vai morrer é só você; eu não morro’

Literal: é você só quem morrer vai; eu morrer não

b	NI:	(A <sub>i</sub> : [... (C <sub>i</sub> : -ʔāmùd kaʔām nāʔ- (C <sub>i</sub> )) <sub>CONTRSUBST</sub> ] (A <sub>i</sub> ))
	(A <sub>j</sub> : [... (C <sub>j</sub> : -ʔāh kaʔāmēh- (C <sub>j</sub> ))] (A <sub>j</sub> ))	
	NR:	(p <sub>i</sub> : ... (e <sub>i</sub> : -ʔām kaʔām nāʔ- (e <sub>i</sub> )) ... (p <sub>i</sub> ))
	(p <sub>j</sub> : ... (neg e <sub>j</sub> : -ʔāh kaʔām- (e <sub>j</sub> )) ... (p <sub>j</sub> ))	

#### 4.4 ~P ∧ P

A relação entre contraste e negação  $\sim p \wedge p$  (Tipo 4), por fim, também engendra um contraste paralelo. Nos casos desse tipo, porém, é o Estado de Coisas correspondente ao primeiro Ato Discursivo que é negado. Nesse Estado de Coisas negado, está presente a informação incorreta que deve ser substituída pela informação correta presente no Estado de Coisas correspondente ao segundo Ato Discursivo. Em (10), por exemplo, *monetário* é substituído por *da cultura*. Para tanto, o Falante faz uso de *mas*, que, nesse caso, codifica a função pragmática Contraste, e, juntamente do operador de polaridade negativa *não*, contribui para a substituição de uma informação por outra. Cabe ressaltar que *mas* escopa todo o Conteúdo Comunicado do segundo Ato Discursivo uma vez que integra fonologicamente a segunda Frase Entonacional (IP).<sup>9</sup> A identificação de qual Subato é realmente posto em relação de contraste fica a cargo do Ouvinte.

- (10) a. -> e não estou arrependido. hoje tenho uma linda coleção que... é, faz a admiração dos meus amigos.  
 - e que vale uma fortuna, não é,  
 -> não!  
 - quanto é que calcula que vale a sua coleção?  
 -> bem, não sei dizer, é muito difícil. eh, nã[...], não há, neste momento não há em jo[...], *não está em jogo o aspecto... monetário*  
 - sim.  
 -> *mas sim o da cultura.*  
 (CV95:Colecionismo:32)<sup>10</sup>
- b. NI: (A<sub>i</sub>: [... (C<sub>i</sub>: -o aspecto monetário estar em jogo- (C<sub>i</sub>))] (A<sub>i</sub>))  
 (A<sub>j</sub>: [... (C<sub>j</sub>: -o da cultura- (C<sub>j</sub>))<sub>CONTR</sub>] (A<sub>j</sub>))  
 NR: (p<sub>i</sub>: ... (neg e<sub>i</sub>: -o aspecto monetário estar em jogo- (e<sub>i</sub>)) ... (p<sub>i</sub>))  
 (π p<sub>j</sub>: ... (e<sub>j</sub>: -o (aspecto) da cultura- (e<sub>j</sub>)) ... (p<sub>j</sub>))  
 NF: (IP<sub>i</sub>: /'naoNes'taen'ʒogooas'pektomone'tario/ (IP<sub>i</sub>))  
 (IP<sub>j</sub>: /'mas'siNodakul'tura/ (IP<sub>j</sub>))<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Uma Frase Entonacional é caracterizada por propriedades internas e externas. Internamente, elas são caracterizadas “[...] por um núcleo, ou seja, um movimento tonal localizado em uma ou mais sílabas que é essencial para a interpretação da frase entonacional como um todo” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012, p. 63). Externamente, elas são tipicamente (mas não obrigatoriamente) separadas de outras Frases Entonacionais por “[...] uma pausa, geralmente menos longa que a pausa usada para separar Enunciados um do outro” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 432, tradução nossa).

<sup>10</sup> Cf. Nota de rodapé 8.

<sup>11</sup> Para as representações fonêmicas do português, baseamo-nos em Silva (2003).

O marcador *mas* não se especializa na função pragmática Contraste Substitutivo, uma vez que ele pode desencadear outras relações contrastivas que não a de substituição. Pezatti, Paula e Galvão Passetti (2019), Galvão Passetti (2021) e Pezatti e Galvão Passetti (2021) mostram que, além da substituição, *mas* também codifica a função retórica Concessão ( $C_{conc}$ ), como em (11), em que *mas* indica que o Falante admite o valor de verdade do Conteúdo Proposicional (p),<sup>12</sup> (*viajar para o norte não é nada de excepcional*, entendido, sob algum aspecto, como incompatível com o valor de verdade do Conteúdo Proposicional *eu acho uma beleza*, prevenido e, ao mesmo tempo, prevenindo uma possível objeção do Ouvinte quanto à incompatibilidade de ambos.

- (11) a. Inf.: adorei. achei a melhor coisa que eu fiz assim em termos de viagem, assim de coisa pi[...], *nada de excepcional*, **mas** *eu acho uma beleza*. e depois assim aquele contraste muito grande, não é, entre as, as igrejas, e tudo do lado de fora tem aquela simplicidade, quando você entra é aquela, aquele, coisa de uma ostensividade, não é, (Brasil80:ArteUrbana).  
(Brasil80:ArteUrbana)<sup>13</sup>
- b. NI:  $(A_i: \text{--nada de excepcional-- } (A_i))_{C_{conc}}$   
 $(A_i: \text{--eu acho uma beleza-- } (A_i))$

No português, *mas* não se especializa na função de substituição, mas outras línguas dispõem de marcadores específicos para esses casos. Como se sabe, a língua espanhola dispõe de duas conjunções para indicar relação adversativa: *sino* e *pero*.

Segundo a tradição gramatical espanhola, *sino*, uma conjunção adversativa exclusiva, indica oposição entre dois elementos ou circunstâncias incompatíveis, ou seja, indica negação total do primeiro membro, normalmente negado, como em “*No es mi perro, sino el suyo*”. Já *pero* é uma conjunção adversativa restritiva, que indica uma ressalva a uma ideia anteriormente enunciada; nesse tipo, a negação pode ocorrer tanto no primeiro membro, como em “*No me há dicho nada, pero sé que me ama*”, quanto no segundo, como em “*Tienes que ser duro, pero sin perder la dulzura nunca*”. *Però* permite também indicar oposição entre dois elementos que podem, ainda assim, coexistir, como em “*Me gusta el vino pero también la cerveza*”.

Desse modo, em espanhol, *sino* é um marcador da função pragmática Contraste Substitutivo. Outras línguas assinalam, também, essa distinção. Para diferenciar a função pragmática Contraste Substitutivo da função retórica Concessão, nessa ordem, o alemão dispõe de *sondern* e *aber*, o servo-croata, de *već* e *ali*, por exemplo, mostrando ser esse um fenômeno tipologicamente adequado. Em (12), inclusive, uma ocorrência da língua jarawara, assim como em (6), apenas um morfema, *rihi*, desempenha as funções pragmáticas de contrastar, substituir e negar, substituindo *Kainas* por *Foros*.

- (12) Jarawara (DIXO; VOGEL, 2004, p. 244).
- a. Kainas ka-nafi-rihi Foros ka.ka-nafi  
Kainas APPL-ser.muito-CONTRSUBSTNEG Foros RED-APPL-ser.muito  
'não há muita água no rio Cainas, mas há muita no rio Purus'  
Literal: o Cainas não ser-muito, o Purus ser-muito
- b. NI:  $(A_i: [... (C_i: \text{--Kainas kanafi-- } (C_i))_{CONTRSUBSTNEG}] (A_i))$   
NR:  $(p_i: ... (e_i: \text{--Kainas kanafi-- } (e_i)) ... (p_i))$

<sup>12</sup> Conteúdos Proposicionais são construtos mentais que não existem no espaço ou no tempo, mas que existem na mente daqueles que os formulam. Um Conteúdo Proposicional pode ser factual, como quando representam conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não-factual, como quando são esperanças ou desejos em relação a um mundo imaginário. Dada a sua natureza, os Conteúdos Proposicionais são caracterizados pelo fato de poderem ser qualificados em termos de atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) e/ou em termos de sua fonte ou origem (conhecimento comum compartilhado, evidência sensorial, inferência). (Cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 144).

<sup>13</sup> Cf. Nota de rodapé 8.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é possível identificar, a partir da análise dos dados, quatro modos de coocorrência ou de relação da função pragmática Contraste e o operador de polaridade negativa: duas em que o contraste é contrapressuposicional (Tipo 1 e 2) e duas em que ele é paralelo (Tipo 3 e 4). Esses tipos também podem ser organizados de acordo com outro critério: nos Tipos 1 e 3, é a informação considerada correta pelo Falante que recebe a marca de contraste; por outro lado, nos Tipos 2 e 4, é a informação considerada incorreta que é marcada.

Além disso, tanto Subatos como Conteúdos Comunicados inteiros podem ser contrastados formalmente, ainda que a informação posta em relação de oposição corresponda a apenas um de seus Subatos. Interessante é observar que o marcador de contraste pode se especializar de modo a codificar três tipos de funções: (i) a função pragmática Contraste; (ii) a função pragmática Contraste Substitutivo; e (iii) a função pragmática Contraste Substitutivo Negativo. Com relação a essa especificação, nos casos em que o contraste é paralelo, as línguas abordadas por este estudo apresentam as possibilidades apresentadas pelo Quadro 2.

Língua/ Especialização do marcador	CONTR + NEG	CONTRSUBST + NEG	CONTRSUBSTNEG
Português	+		
Espanhol Araweté Dâw Kwazá	+	+	
Jarawara	+	+	+

**Quadro 2:** Especializações do marcador de função pragmática Contraste em contextos de contraste paralelo nas línguas estudadas.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Nas gramáticas das línguas huariapano (GOMES, 2010), kotiria (STENZEL, 2013), kanoê, (BACELAR, 2004), karitiana, (EVERETT, 2006), mamaindê, (EBERHARD, 2009), tariana (AIKHENVALD, 2003) e trumaí (GUIRARDELLO, 1999), não foram encontradas ocorrências em que atue a função pragmática Contraste, não sendo possível verificar a existência de relações entre essa função e a negação. Por isso, essas línguas não constam na Tabela 2.

Com já indicado, não estamos autorizados a postular quaisquer generalizações categóricas; todavia, parece-nos possível atestar uma relação íntima entre a função de contraste e a negação.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE MARTINS, S. *Fonologia e gramática Dâw*. Utrecht: LOT, 2004.

AIKHENVALD, A. Y. *A Grammar of Tariana, from Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BACELAR, L. N. *Gramática da língua Kanoê*. Nijmegen: Katholieke Universiteit Nijmegen, 2004.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

- DIK, S. C. *The theory of Funcional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIXON, R. M. V.; VOGEL, A. R. *The Jarawara language of Southern Amazonia*. Nova York: Oxford University Press, 2004.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- EBERHARD, D. M. *Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwara language and its cultural context*. Utrecht: LOT, 2009.
- EVERETT, C. Gestural, Perceptual, and Conceptual Patterns in Karitiana. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Rice University, Houston, 2006.
- GALVÃO PASSETTI, G. H. *Coordenação de constituintes não oracionais por meio de “mas” nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.
- GOMES, G. J. *Aspectos morfosintáticos da língua Huariapano (Pano)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna*. 2007.
- GUIRARDELLO, R. *A reference grammar of Trumai*. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia) – Rice University, Houston. 1999.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática discursivo-funcional. In: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.
- HORN, L. R.; WANSING, H. Negation. In: ZALTA, E. N. (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Spring 2017 Edition. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/negation/>. Acesso em: 3 jul 2019.
- NASCIMENTO, M. F. B. do. (org.). *Português Falado – Variedades Geográficas e Sociais*, 2001. Disponível em <http://www.clul.ulisboa.pt/pt/23-investigacao/738-portugues-falado-variedades-geograficas-e-sociais>. Acesso em: 1 jul 2019.
- O POVO. Wagner “dá muita canelada” e pode não ter apoio do partido de Bolsonaro. *O POVO*, 24 de abril de 2019. Disponível em <http://blogs.opovo.com.br/politica/2019/04/24/wagner-da-muita-canelada-e-pode-nao-ter-apoio-do-partido-de-bolsonaro/>. Acesso em: 14 nov 2021.
- PEZATTI, E. G. Gramática discursivo-funcional: uma breve apresentação. In: PEZATTI, E. G. (org.). *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 15-40.
- PEZATTI, E. G. *Sintaxe Descritiva da Língua Portuguesa: gramática discursivo-funcional*. 2017. (mimeo)
- PEZATTI, E. G.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Coordenação não oracional adversativa. In: PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. (org.). *Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021. p. 259-302.

PEZATTI, E. G.; PAULA, D. C. F.; GALVÃO PASSETTI, G. H. Contraposição não oracional com *mas*: substituição e acréscimo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-18, 2019.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOLANO, E. J. B. *Descrição gramatical da língua araweté*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

STENZEL, K. *A reference grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.

VAN DER VOORT, H. *A grammar of Kwaza*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

VAN DER VOORT, H. *A grammar of Kwaza*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.



Recebido em 14/05/2021. Aceito em 19/08/2021.